

ENCONTRABILIDADE E TEORIA DA INTENCIONALIDADE: PROPRIEDADES PARA A INFORMAÇÃO

Email:
manuelamaia@gmail.com

Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda¹

RESUMO

A pesquisa discute encontrabilidade de informação a partir do mapeamento das propriedades do fenômeno informacional, com destaque para a Teoria da Intencionalidade, inerente aos estudos da Fenomenologia, e para as muitas definições de informação atuantes na Ciência da Informação (CI). O método dos quatro pólos congrega as etapas Epistemológica, Teórica, Técnica e Morfológica que sustentam, respectivamente, a natureza do problema, as teorias como estratégia, a técnica bibliográfica e descritiva, e a morfológica com os resultados e interpretação da noção de informação enquanto fenômeno, a partir da Teoria da Intencionalidade, ou seja as propriedades. Contribuindo com o esforço de conceituação uniforme da informação, os resultados inferem suas propriedades de: Intencionalidade/direccionalidade; atos de fala assertivo e diretivo; direção de ajustamento; e rede e background. O estudo foi inicialmente desenvolvido em tese de doutoramento, e posteriormente continuado como projeto de pesquisa e discutido no grupo Estudos Epistemológicos em Informação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco.

Palavras-Chave: Teoria da Intencionalidade; fenômeno informacional; propriedades de informação.

ABSTRACT

The research discusses findability from the mapping of the properties of the informational phenomenon, with emphasis on the Intentionality Theory, inherent to the Phenomenology studies, and to the many information definitions in Information Science. The method of the four poles includes the Epistemological, Theoretical, Technical and Morphological stages that support, respectively, the nature of the problem, theories as strategy, the bibliographical and descriptive technique, and the morphological with the results and interpretation of the notion of information as a phenomenon, from the Theory of Intentionality, that is the properties. Contributing to the effort of uniform conceptualization of information, the results infer their properties of: Intentionality / directionality; acts of assertive and directive speech; direction of adjustment; and network and background. The study was initially developed in a doctoral thesis, and later continued in the research project and discussed in the group Epistemological Studies in Information of the Department of Information Science of the Federal University of Pernambuco.

¹ Profa. Dra. Adjunto 3 do Dept, Ciência da Informação (DCI UFPE). Coordenadora do projeto de pesquisa Humanidades Digitais e Intencionalidade: questões contemporâneas de informação, n. do processo 23076.041852/2017-25 e do grupo de pesquisa Estudos Epistemológicos em Informação (EEI), vinculados ao DCI, e à linha de pesquisa do PPGCI – UFPE **Memória da Informação Científica e Tecnológica**.

Palavras-chave: Theory of Intentionality; informational phenomenon; properties of information.

Keywords: Theory of Intentionality; Information phenomenon 2; properties of information

1 INTRODUÇÃO

Contempla resultados do projeto de pesquisa Humanidades Digitais e Intencionalidade de informação: questões contemporâneas de Informação, vinculado ao grupo de pesquisa Estudos Epistemológicos em Informação do departamento de Ciência da Informação da UFPE. A pesquisa contempla a discussão sobre o problema de encontrabilidade de informação no contexto das Humanidades Digitais e tem como hipótese a Teoria da Intencionalidade, para a descrição das propriedades de informação e auxílio nos instrumentos de acesso à informação. A análise toma forma a partir da premissa de Silva e Ribeiro (2002), que entendem a informação como algo de essência mutável com propriedades identitárias para o objeto.

Assim, para o entendimento das bases ontológicas, das noções formadoras da matriz e do alicerce da informação, o estudo inicialmente considerou dois elementos para o plano teórico: o Conceito e a Essência de informação.

É sabido que são várias as definições de informação na literatura da Ciência da Informação (CI), o que se verifica a aplicação específica de cada uma delas nas subáreas, tais como o comportamento informacional e organização da informação, conforme delimitam Silva e Ribeiro (2002). Corrobora Ilharco (2003) afirmando que conforme o paradigma em que reside, a informação emerge de diversas formas, pois está emaranhada na problemática decisiva do significado e das relações e referências entre as coisas e fenômenos de distintos contextos.

Distintas definições, assim como o uso e aplicações se configuram como um problema nos estudos da episteme da CI. Justifica Zins (2007) que o fator cultural e o desenvolvimento científico de cada região, são algumas das causas para tantas definições de Informação, Dado e Conhecimento.

As subáreas de atuação na CI se detém a problemas específicos de informação, todavia, nos apoiamos na compreensão de que a dinâmica de informação ocorre conforme a consciência do sujeito e o seu contato com o objeto proposicional. Inferimos que o conceito de informação, seja qual for a atuação na CI, e perante uma coerência científica está vinculado ao mapeamento de suas propriedades.

Assim situamos o conceito de informação, mais especificamente, a descrição das suas propriedades para a Encontrabilidade em sistemas de informação. Com a compreensão deste princípio e da Teoria da Intencionalidade elencamos algumas das propriedades que podem representar a dinâmica supracitada, a saber: partes da consciência, com as manifestações sociais, e também da experiência do sujeito informacional, a partir do uso que se faz da informação. São tais elementos registrados de diversas formas e tipos, que contribuem para o acesso à informação e a sua necessária encontrabilidade.

Verificamos então que a premissa: **se mapeamento das propriedades de informação perante o uso, maior probabilidade de análise e verificação dos fenômenos sociais de informação e sua posterior encontrabilidade.**

A informação é entendida como um fenômeno interpretativo dependente da experiência, pressupostos, contextos e envolvimento, no âmbito dos quais um sujeito busca resolver suas

necessidades de informação. A noção fundadora da informação, pressupõe a estabilidade do que existe, das coisas, das relações e dos significados.

No âmbito de uma análise fenomênica da informação, o ser humano está envolvido com assuntos, projetos e atividades. Daí deriva a Teoria da Intencionalidade para análise do mundo, e tudo em que nele reside para revelar, assim como sua forma, os modos e os momentos que tem relação com o ser humano. O indivíduo tem que escolher entre diversas possibilidades, significados, sentidos ou interpretações, argumentando, questionando e tentando mostrar ao mundo, os tipos de comportamentos, de pontos de vista de interpretações que ele considera mais apropriados (ILHARCO, 2003).

Assim, inferimos que a Teoria da Intencionalidade, favorece a encontrabilidade da informação. A pesquisa aqui apresentada é justificada por trazer um contingente teórico para a criação de instrumentos práticos de avaliação do uso encontrabilidade que possam ser aplicados em sistemas de informação digitais.

Metodologicamente os pólos Epistemológico, Teórico, Técnico e Morfológico estão representados pelas seções que definem encontrabilidade, o fenômeno informação, a interpretação dos dados, considerações e referências (SILVA, RIBEIRO, 2002)

2 ENCONTRABILIDADE E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O termo findability, termo original, foi cunhado por Peter Morville (2005) e representa a capacidade de encontrar informações em ambientes digitais. O autor define como:

- a) A qualidade de ser localizável ou navegável.
 - b) O grau com que um determinado objeto é fácil de descobrir ou localizar.
 - c) O grau com que um sistema ou um ambiente suporta navegação e recuperação.
- (MORVILLE, 2005, p.4):

Encontrabilidade não é a Arquitetura da Informação, apesar desta última influenciar a primeira. A Arquitetura da Informação discorre sobre estrutura e desenho dos espaços de informação nos sites, já a encontrabilidade é sobre as qualidades de localização e navegação dos sites e seus conteúdos, sendo este um dos objetivos de quem estuda o acesso à informação (MORVILLE, 2005).

A encontrabilidade está relacionada ainda com a organização da informação, mas nem sempre as formas tradicionais conseguem atender à esta qualidade, sendo de responsabilidade daqueles que organizam a informação nos sites, a estruturação do conteúdo, de maneira a qual o usuário encontre a informação precisa, em pouco espaço de tempo, uma vez que não se pode usar o que não se pode encontrar (MIRANDA, 2012).

Assim, ao lado organização da informação, a subarea de comportamento informacional se projeta para a encontrabilidade apostando no movimento sistêmico e social do fenômeno informacional. Conforme Wilson (1981) o comportamento humano está relacionado às fontes e canais de informação, incluindo tanto a busca ativa quanto a passiva de informação, além do seu uso). Essa busca reflete as necessidades informacionais do usuário, seus desejos, anseios e hábitos de informação. Tais necessidades informacionais traduzem um estado de conhecimento no qual alguém se encontra quando é confrontado com a exigência de uma informação que lhe falta e lhe é necessária, descrevendo uma experiência subjetiva que ocorre na mente de cada

indivíduo, não sendo diretamente acessível ao observador (WILSON, 1981). Haja vista a descrição de tais experiências, a necessidade de informação do usuário, portanto, é o ponto de partida para a busca.

A busca informacional consiste na tentativa intencional de encontrar informação como consequência da necessidade de satisfazer um objetivo, sendo influenciada por diversas variáveis como pessoais; emocionais; educacionais; demográficas; sociais/interpessoais; meio ambiente; econômicas e relativas às fontes informação (acesso, credibilidade, canais de comunicação) (WILSON, 1997, 2000).

O comportamento informacional está baseado na motivação do usuário que o levou a busca e à sua percepção de sucesso durante o processo. Ao tentarmos buscar a informação, interpretamos os resultados retornados pelos nossos passos durante o processo, aprendendo como a informação está estruturada e delimitando um caminho para encontrarmos aquilo que desejamos, nos adaptando ao ambiente o qual estamos realizando o processo. Devido à obstáculos no caminho até a informação, que pode não ser localizada pelo usuário. Ressaltamos que as duas experiências são distintas: Encontrar a informação é o fim, a busca é o meio. (MIRANDA, 2010, p. 215).

3 DA NOÇÃO DE CONCEITO À ESSÊNCIA DE INFORMAÇÃO

Para fundamentar a amplitude de conceituações de um objeto, Chirollet (2001, p.50) afirma ainda que os variados conceitos e definições de uma

linguagem que enuncia a informação, dependeria segundo o ponto de vista que privilegia a autarcia do discurso conceptual, de contextos sócio-históricos contingentes, suscitando o aparecimento de fenômenos descritíveis numa linguagem de tipo informacional, cujo carácter científico seria mais ou menos incerto e até aleatório [...].

Assim, um objeto com caráter de “fenômeno possui um subjetivismo implícito, que requer da área científica, que a detém, uma reflexão racional para chegar a conclusões concretas e objetivas” (BACHERLARD, 1971, p. 34). Ora, é preciso sublinhar que para o estudo do objeto, além de reconhecer as definições existentes, deve-se percorrer as fronteiras epistêmicas, as que possam inseri-las num entendimento ontológico. Com base no argumento de Chirollet (2001), o conceito é analisado a partir de algumas linhas de pensamento. Da análise, inferem-se algumas interpretações que visam orientar a fundamentação do objeto em sentido lato, dispostas no seguinte quadro resumo:

Quadro 1: Informação à partir do conceito

Escolas e períodos	conceito e essência	Conceito de Informação
Metafísica	Conceito se refere à coisa só mediante à sensação.	composto por atributos variáveis, que dependeria apenas das sensações e comportamentos do ser.
Fenomenologia	Conceito é uma formação psíquica cuja representação varia de momento a momento, de indivíduo a indivíduo, porém conservando a mesma essência.	Possui uma essência, porém dependente da cognição do dinamismo social.

Pragmaticismo	Conceito é o signo do objeto e se acha em relação com ele. O signo significa alguma coisa. Rompe com o conceito de essência e assume o Conceito como um sinal, um Signo.	composto por atributos variáveis, mas sem essência, já que o signo do objeto é o bastante para despertar significados variáveis e distintos.
---------------	--	--

Fonte: o autor, 2018

Na Fenomenologia, o conceito viria a ser uma formação psíquica cuja representação varia de momento a momento, de indivíduo a indivíduo, porém conservando a sua essência. (ABBAGNANO, 1998; BRUGGER, 1968; DUROZI, ROUSSEL, 2000).

3.1 O FENÔMENO INFORMACIONAL: PROPRIEDADES PARA O OBJETO

A premissa “[...] só o ato humano (individual), pleno de consciência intencional, de racionalidade e de liberdade, é informacional [...]” (SILVA; RIBEIRO, 2002, p.29) orienta a pesquisa acerca do objeto a partir da fenomenologia, além dos estudos sobre o conceito.

A informação “situa-se claramente entre a dimensão psicossomática do ser humano (onde se inscrevem o conhecimento, a inteligência, a memória, as emoções) e a comunicação social, ao mesmo tempo em que fica realçado o papel do código [...]” (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 23).

A Enciclopédia Einaudi, afirma que a informação apresenta-se como estruturas, formas, modelos, figuras e configurações; em idéias, ideais e ídolos; em índices, em continuidade e descontinuidade; em gestos, posições ou conteúdos; em frequências, entonações, ritmos e inflexões; em presenças e ausências; em palavras, em ações e silêncios; em visões e silogismos. (EINAUDI, 2000).

Silva e Ribeiro (2002, p. 41) também apontam a informação como:

conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direcionada.

A informação pode ainda ser caracterizada como um fenômeno humano e social suscetível de ser reconhecido cientificamente, contudo, é preciso fortalecer que “ela não se reduz a um fato, uma notícia, ou a qualquer dado do conhecimento, mas abarca impressões, emoções, sentimentos, desde que, obviamente (de) codificados humana e socialmente” (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 43).

Assim, uma definição semelhante apresenta a informação como “conjuntos simbolicamente significantes com a competência e a intenção de gerar conhecimento no indivíduo em seu grupo e na sociedade” (BARRETO, 2009, p. 01). A informação, nesse viés teórico, pode ser assumida também como “um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo social [que] deixa de se qualificar como uma medida de organização por reduzir incerteza, para ser a própria qualidade em si” (BARRETO, 2009, p. 01).

Nessa concepção, o indivíduo é colocado como um ser sensível, subjetivamente consciente no mundo objetivo, que proporciona a sua experiência individual. O fenômeno da

informação é apreendido pela sensibilidade deste ser por meio de registros adicionados a ele; a emoção precede da percepção e representa um sentimento da momentaneidade do Eu que avalia o mundo (BARRETO, 2009).

A concepção dos objetos, o entendimento e a percepção da sua existência são advindas dos sentidos, cuja função proclama essas capacidades. Assim, as qualidades identificadas em objetos são as chaves para a percepção, que, por sua vez, mantém uma intervenção com a sensação (BARRETO, 2009).

3.2 A TEORIA DA INTENCIONALIDADE: DEFINIÇÕES E PROPRIEDADES.

Fenomenologia significa a atividade de dar conta fornecendo um logos de vários fenômenos e dos vários modos que as coisas podem aparecer” (SOKOLOWSKI, 2004, p. 23). A informação mostra a sua essência com os conceitos da experiência e da percepção de quem interage busca e usa a informação. Para este objeto existe uma variedade de definições e propriedades reafirmando a necessidade de “deixar aquilo mesmo que se mostra ser visto a partir dele próprio, no mesmo modo como se mostra, ele próprio, a partir dele próprio” (ILHARCO, 2003, p. 139).

Complementando o raciocínio, Silva e Ribeiro (2002, p. 29) lembram que a Fenomenologia explica que “[...] a informação em geral é concebida como algo de essencial não imutável, mas modelada por um conjunto fixo de propriedades intrinsecamente subjectiva e inter-subjectiva que está para além dos suportes físicos e materiais que coisificam [...]”

É possível observar nos estudos de Miranda (2010) as primeiras discussões, no âmbito do doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, na Universidade do Porto, e depois na UFPE em livro publicado (MIRANDA, 2012) projetos de pesquisa e extensão (2013, 2014, 2017) e em dissertações de mestrado a aplicação da Teoria da Intencionalidade. Num primeiro momento, para contribuir nos estudos de recuperação da informação, com a representação e Findability/Encontrabilidade (2009, 2010, 2012); posteriormente na análise do comportamento informacional, com os modos de busca, no acervo do Procondel (MIRANDA, 2012); na pesquisa sobre Boatos e Memória (GUIMARÃES, 2018) e Patrimônio material (MARINHO, 2018) tendo como fontes a pesquisa em jornais de um período histórico de Pernambuco, e na dissertação de Santos (2019) no contexto do colecionismo, e das Humanidades Digitais, e outra como linha de pesquisa no grupo Estudos Epistemológicos em Informação. Para além dos estudos mencionados destacam-se também a pesquisa de Vechiato (2013) e Vechiato e Vidotti (2014), em que utilizam a Intencionalidade como requisito do modelo de Encontrabilidade proposto para ambientes digitais, para possibilitar melhorias na recuperação, no acesso e na apropriação da informação.

Vechiato (2013, p. 131) afirma que,

observamos que a própria auto-organização no ciberespaço contribui para que os sujeitos aprendam a classificar os recursos informacionais, considerando que eles têm consciência de que estão a disseminar a informação com vistas ao acesso. Sua ação é permeada pela linguagem, pela cultura, pelas experiências, pelas competências (ASSIS; MOURA, 2013; GEROLIMOS, 2013) e, portanto, pela Intencionalidade (MIRANDA, 2010), num contexto pragmático.

Sokolowski (2004), no livro sobre Fenomenologia, entende que a Intencionalidade é a doutrina nuclear da fenomenologia. Ela explica que cada ato de consciência que nós realizamos, cada ato de consciência que nós temos como algo intencional, é consciência de ou experiência de algo ou outrem. A partir da Intencionalidade, é possível fazer uma relação de consciência com o objeto ao ajustar e entender a palavra, para então significar principalmente intenções mentais ou cognitivas que poderiam ser postas em prática. Deve ter uma formulação mais inclusiva, sendo a propriedade de estados mentais pela qual são religados ao mundo tal como é experienciado. A mente fenomenológica é o lugar de percepção consciente, e é habitada por objetos percebidos e por experiências sentidas (MIGUENS, 1995). A essa questão, é a experiência consciente que deve ser referida às formas de informação, aos processos e ocorrências na mente.

4 RESULTADOS

Neste pólo morfológico, a partir de revisão de literatura, e resultados de estudos anteriores, foi possível avançar a pesquisa, desta forma identificamos três diferentes tipos de intencionalidade: Física, relacionada a receptividade; Transcendental, relacionada ao entendimento; e Constitutiva, relacionada ao processo de criação e produção. Esses tipos de intencionalidade mostram diferentes degraus da vida intencional (FIDALGO, 1956).

O que surge em consciência é o que a fenomenologia indica de Intencionalidade ou a propriedade dos estados ou eventos mentais pela qual estão dirigidos-a, ou são acerca-de, objetos e estados de um objeto no mundo. Um estado mental com tal característica será então dito estado Intencional. Ter consciência intencional refere-se à direcionalidade do estado de consciência; é ter informação a respeito de, acerca de, sendo a experiência de cada ser em particular que faz esta direcionalidade. Isso significa que a direcionalidade da informação, materializada ou não, pode ser validada de acordo com a percepção de quem possui a consciência, ou seja, do sujeito informacional.

A Intencionalidade caracteriza os estados Intencionais e os objetos ou estados de coisa para o qual estão direcionados. Searle (1999) propõe que seja analisada a partir dos atos de fala, mas não significa dizer que Intencionalidade seja linguística. Mas a partir dos atos de fala é possível identificar a Intencionalidade, porque, por meio deles, são expressas as crenças, desejos, temores, dúvidas; são compostos por um conteúdo proposicional, aquilo em que se acredita, se deseja, teme, dúvida.

4.1 Direção de ajustamento

Os atos de fala podem aparecer como elementos qualificadores que dão indícios de como trabalhar os problemas informação, eles podem aparecer: a) de modo assertivo ou diretivo, são identificados os enunciados sendo descrições ou asserções de um fenômeno informacional. São ordens, comandos ou solicitações. b) por sentimento, e por c) Condições de Satisfação. São elementos que servem para mapear a direção de ajustamento da informação, ou seja, as representações de informação que se manifestam em diversos contextos e de diversas formas (SEARLE, 1999). Mas que na maioria das vezes é mapeada por meio de operadores lógicos voltados aos sistemas de informação eletrônicos, o que dá o caráter estático da informação.

4.2 Rede e Background

Os conceitos de “rede e background” do conteúdo proposicional alcançado determina as condições de satisfação. Um estado Intencional só é o estado que é devido a sua posição numa rede de outros estados Intencionais, e sobre um background de atitudes e suposições (SEARLE, 1999). Essa rede e background assumem-se, portanto, como uma condição determinante do próprio estado Intencional, estando ele relacionado a outros estados Intencionais.

4.3 Experiência e percepção

Experiência e percepção são noções distintas, de modo que percepção envolve a noção de consecução, ato ou efeito de conseguir, o que não se verifica com a noção de experiência (SEARLE, 1999). E o argumento a esse favor é que uma experiência visual tem condições de satisfação exatamente no mesmo sentido em quem as crenças ou desejos têm (SEARLE, 1999).

A dimensão mais profunda da Intencionalidade é quando a consciência intenciona a identidade de objetos. Quando um objeto é percebido, não vem apenas um fluxo de perfis, ou seja, um Background que suporta a percepção e insere complexidade ao objeto, mas ainda a própria identidade do objeto, que é Intencionada, é dada como sendo de um objeto, e pertence ao que é dado na experiência (SOKOLOWSKI, 2004).

Relacionado ao entendimento de informação, inferimos que: se analisássemos a informação apenas em sua forma física, a análise seria redutora, tendo em vista que sua identidade estaria relacionada a sua estrutura física (lados, aspectos e perfis). Se tudo fosse percebido através de formas ou estruturas seria dado apenas como aparente, de uma única perspectiva, o que resulta numa percepção reducionista de um objeto.

Assim, a análise da informação enquanto fenômeno tendo como base a Teoria da Intencionalidade, considera que o objeto informação é verificado por meio das propriedades de Direção de ajustamento, Rede/ Background e Experiência/Percepção.

Nesse viés intencionalidade de informação é aquela criada para descrever ou indicar o conteúdo proposicional. Se fenômeno aparece na consciência intencional, cognoscitiva e particular de cada ser, estimulado por situações, contextos e experiências, possui intencionalidade (consciência intencional, experiência, background, direcionalidade). A noção de fenômeno fundamenta informação. Então, informação possui intencionalidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria da intencionalidade justifica a informação enquanto fenômeno, cuja essência se representa nas propriedades: condições de satisfação, direcionalidade, conteúdo proposicional, causalidade intencional, percepção, Background (capacidades não representacionais, competências) e Rede (conteúdos Intencionais) tornando o fenômeno verificável a partir destas propriedades.

O que a fenomenologia faz por meio de sua doutrina da Intencionalidade é superar o desvio cartesiano contra a publicidade da mente, os desvios das realidades das coisas, ou seja, é contra as alucinações ou imaginações que impedem um sujeito de chegar à realidade da manifestação das coisas. Essa análise fenomênica consiste em buscar a multiplicidade que é

própria de um determinado objeto, por meio de sua estrutura formal e da Doutrina da Intencionalidade. Com base nessa fundamentação, a informação assume a sua multiplicidade de manifestações de formatos e significações, mas assume um conjunto de propriedades própria à análise a partir da CI, independente da subárea de atuação.

A proposta teórica atenta para a noção do objeto da CI, seus componentes enquanto fenômeno, com a teoria da Intencionalidade. Esta teoria insere singularidade a fenômenos contribuindo para os estudos dos problemas de informação inerentes à CI, como a encontrabilidade. De onde a Intencionalidade é um mecanismo capaz de potencializar a busca pela informação e reforçar a experiência do sujeito. Desta forma, contribuindo para os instrumentos teóricos/técnicos condizentes com a realidade social.

Talvez a CI alcance a unidade, identidade do objeto, em contextos que existam tanto aspectos técnicos da organização e comportamento, até subjetivos no âmbito da Memória, cultura e patrimônio, por meio da concepção do objeto a partir das propriedades da Intencionalidade. Inserida nas noções de fenômeno, a Intencionalidade é a direcionalidade, a experiência, o background, onde a informação é acerca de, e sua dinâmica dependerá da experiência e competências do sujeito informacional.

Não se trata de um pensamento universal ou determinista, mas da procura por reflexões que extrapole o formato moderno de ciência, ou pelo menos o modus operandi de construção e observação do objeto de pesquisa num cenário digital, mas de fato social e humano.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A epistemologia. São Paulo: Martins Fontes, (1971), 220p.
- BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto. (2001),
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. Journal of the American Society for Information Science (JASIS) , v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque Sensação e percepção na relação informação e conhecimento. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação. v.10 n.4.ago. 2009. Colunas.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque Ocultando a Informação. hidinginformation: usingsymbolicindicators. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação. v.11 n.3. jun.. 2010, Colunas.
- CHIROLLET, Jean Claude. Filosofia e Sociedade da Informação. Lisboa: Instituto Piaget. 192p. 2001.
- CRUZ, Abel dos Santos. Formação técnica e especializada, Revista Ciências e técnicas do patrimônio. Porto,série 1, vol.4.p.125-134. p. 126-127. 2005.
- DUROZI, G; ROUSSEL, A (2000), Dicionário de Filosofia: dicionários temáticos. Porto:Porto Editora,398 p.

ENCICLOPEDIA EINAUDI. Comunicação e cognição. v. 34. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2002.

EPSTEIN, I. Teoria da Informação, São Paulo: Ática, 77p. 1988.

FIDALGO, Antonio. ENCICLOPÉDIA Of Phenomenology Kluwer Academic Publishers Dodrecht; Boston; London. v. 18. 1997.

GUIMARÃES JR, M. Os boatos alarmistas na perspectiva da Ciência da Informação: o caso “Tapacurá estourou!”. UFPE: PPGCI. 2018. (Dissertação de mestrado)

HJØRLAND, Birger Concept theory Journal of the American Society for Information Science and Technology. ASIS&T Abr, 2009.

ILHARCO, Fernando. Filosofia da Informação: uma introdução à Informação como fundação da ação, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica de Lisboa, 207 p. 2003.

MIGUENS, Sofia. As ciências cognitivas e a naturalização do simbólico. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado. 1995.

MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. O acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da Intencionalidade para a findability. 2010. 353f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais - ICPD) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. O custodialismo e a teoria da intencionalidade. Recife: Nectar, 2012. 353p.

MIRANDA, Májory et al. Memória, Produção e uso dos documentos do Conselho Deliberativo da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Anais ENANCIB, 2012.

MORVILLE, Peter. Ambient findability: what we find changes who we become. Sebastopol: O'Reilly Media, 2005.

OLIVEIRA, Lizete Dias; ROCHA, Rafael; MIRANDA, Májory K. F. O.; MIRANDA, Alexandre. Web social: impacto no Comportamento informacional e na produção do Conhecimento, p. 325-338 In: BORGES, M.M.(org). A Ciência da Informação como criadora de conhecimento. Coimbra, Pt: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. 467p. ISBN 978-989-26-0869-3.

SANTOS, Paula Quirino dos. O colecionismo de HQs: da custódia à pós-custódia. UFPE: PPGCI, 2019. Dissertação de mestrado.

SEARLE, Jonh R. Intencionalidade: um ensaio de filosofia da mente. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 346 p. 1999.

SEARLE, Jonh R; COSTA, Madalena Poole da (trad.) Intencionalidade: um ensaio de filosofia da mente. Lisboa: RelógioD'ÁguaEditores, 1999.Título original: Intencionality: an essay in the philosophy of mind. [UK]: Cambridge University Press,. 346 p.

SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à Fenomenologia. São Paulo: Edições Loyola, 246p. 2004.

SILVA, Armando Malheiro; RIBEIRO, Fernanda. Das Ciências Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular.Porto: Edições Afrontamento, 174p. 2002. ISBN: 972-36 - 0622-4.

VECHIATO, Fernando Luiz. Encontrabilidade da informação: contributo para uma conceituação no campo da ciência da informação. Marília: FLV, 2013. 206 f. (Tese de doutoramento).

VECHIATO, Fernando Luiz; VIDOTTI, Silvana Aparecida BorsettiGregorio. Encontrabilidade da Informação: Atributos e Recomendações para Ambientes Informacionais Digitais. Informação & Tecnologia (ITEC): Marília/João Pessoa, 1(2): 42-58, jul./dec., 2014.

WILSON, Tom. Human information behavior.Informing Science, v. 3, n. 2, p. 49-53, 2000.

WILSON, Tom. Information behaviour: an interdisciplinary perspective. Information Proceeding and Management, v. 33, n. 4, p. 551-572, 1997.

ZINS, C. Conceptual approaches for defining data, information, and knowledge. Journal of The American Society for Information Science and Technology (JASIST), New York, v. 58, n. 4, p. 479-493, 2007. ISSN 1532-2882.

Disponível em: <http://www.success.co.il/is/zins_definitions_dik.pdf>